

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista, 854 — PÔRTO
— Tóda a correspondência deve ser dirigida ao Director —

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

FÉ ARDENTE—ALMA SÃ—CORAÇÃO GENEROSO



A BENEMÉRITA FAMÍLIA KADOORIE

Sir E., Kadoorie, K. B. E., Comendador da Legião de Honra e seus filhos, Lawrence Kadoorie, esquire e Horace Kadoorie, contribuíram com 5.000 libras para a construção da Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm do Pôrto.

Dedicação solene da Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm no Pôrto

(RELATO)

Começou a cerimónia às 16 horas precisas, com a oração de *Minhah* (oferenda), sendo oficiante o Rev. Moreh (guia) marano transmontano Samuel Rodrigues.

As cadeiras dos Parnassim (Provedores) eram ocupadas pela Comissão Directora de Honra, constituída pelos Srs. Artur Casseres, britânico de origem marana, do Conselho dos Anciãos da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, ladeado à direita pelo Dr. Moses Bensabat Amzalak, Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e Dr. Alfredo Klee, Vice-Presidente da Comunidade Israelita de Berlim, e à esquerda pelos Srs. Edwin Edwards, do Portuguese Maranos Committee de Londres, Presidente da Assembleia Geral da Comunidade Israelita do Pôrto e Paúl Goodman, Secretário Honorário do Portuguese Maranos Committee de Londres e da Portuguese Congregation da mesma cidade.

Desempenhavam as funções de mestres de cerimónias os Srs. Hans Warmbrunn, Menasseh Ben-Dob e o Rev. Moreh marano transmontano David Moreno.

Terminada a oração de *Minhah* realizou-se a trasladação dos *Sepharim* (livros sagrados) da Arca provisória do Beth-Hamidrash da Yeshibah Rosh Pinah para a Arca definitiva.

O cortejo era iniciado pelo Rev. Joseph Herz cantando durante o trajecto o salmo de David n.º 29 (Habu la-Adonai). O 1.º sepher era conduzido pelo Sr. Casseres, de Londres; o 2.º pelo Dr. Amzalak, de Lisboa; o 3.º pelo Dr. Alfredo Klee, de Berlim; o 4.º pelo Sr. Edwin Edwards, de Londres; o 5.º pelo Rev. Diesendruck, de Lisboa; o 6.º pelo Dr. Elias Baruel, de Lisboa; o 7.º pelo Dr. Augusto de Esaguy, de Lisboa; e o 8.º pelo Dr. Hans Klee, de Berlim. À entrada do solene cortejo no recinto sagrado, o Rev. Samuel Rodrigues, acompanhado por maranos antigos Talmidim (alunos) da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teológico

Israelita), entoaram o canto de Boas-Vindas (Barukh Habá). Abriu as portas do EH'al (Arca Santa) o Sr. Paúl Goodman, assistido pelo Rev. David Moreno.

Colocados os *Sepharim* na Arca Santa, o Rev. Diesendruck, com a sua magnífica e musical voz, cantou, cheio de emoção, o Ymlokh (glorificação divina).

Terminado este canto o Sr. Cap. Barros Basto convidou o Dr. Amzalak, que havia colocado a primeira pedra da Sinagoga a acender o Ner Tamid (Luz Perene), que arde continuamente perante a Arca para glória de Deus e lembrança dos mortos de Israel.

Cumprido este acto, na Thebah (tribuna dos oficiantes), o Rev. Diesendruck entoa o serviço litúrgico da dedicação de Casa Nova (Deut. cap. 28, vers. 1 a 14; I Reis, cap. VI, vers. 11 a 13; Isaías, cap. 65, vers. 21 a 25; Salmos n.º 30, n.º 134; Kadish).

Findo este acto litúrgico o Rev. Diesendruck cede o lugar ao Cap. Barros Basto, que recita, em língua portuguesa, a *Oração de Salomão*, que este rei dos judeus pronunciara na inauguração do Templo de Jerusalém (Livro I dos Reis, cap. 8.º, vers. 23, 27 a 43 e 56 a 61).

Novamente o Rev. Diesendruck oficia entoando as orações de bênção: 1.ª, em português, pelo Sr. Presidente da República Portuguesa e Governo; 2.ª pela Comunidade; 3.ª pelas vítimas do fanatismo religioso; 4.ª pela Família Kadoorie; 5.ª pela Spanish & Portuguese Congregation de Londres.

Findas as Bênçãos é cantado o Igdal (canto profissional da fé israelita) pelos Revs. Joseph Herz, Samuel Rodrigues, maranos e congregantes do Pôrto.

Sobe então ao púlpito o Cap. Barros Basto, que numa linguagem simples mas vibrante, prega o Darush (sermão), tomando como tema o versículo do profeta Zacarias: «Não pela fôrça, não pela violência, mas pelo meu espírito», disse Adonai, Deus dos

1.^a Conferência Luso-Judaica

Há tempos anunciamos que, por ocasião da Dedicção Solene da nossa sinagoga-catedral do judaísmo no Norte de Portugal, se realizaria a 1.^a Conferência Luso-Judaica.

Dissemos e assim se fêz. Após o *Pôrto-de-Honra* oferecido pelas damas israelitas do Pôrto na sala da Assembleia Geral da Comunidade, se realizou a sessão única da 1.^a Conferência Luso-Judaica.

Presidiu o Sr. Cap. Barros Basto, tendo à sua direita M.^{me} Edwards e os Srs. Artur Casseres e Edwin Edwards e à sua esquerda os Srs. Paúl Goodman, Dr. Alfredo Klee e Dr. Hans Klee.

Aberta a sessão o Sr. Paúl Goodman lê numerosas mensagens enviadas por várias notabilidades judaicas.

Em seguida usa da palavra em inglês o Sr. Artur Casseres, homenageando o Cap. Barros Basto e a sua obra: o seu discurso foi gentilmente traduzido em francês por M.^{me} Edwards.

Fala a seguir o Sr. Terlo, de Lisboa, que, começando por citar vários factos da sua biografia para demonstrar as dificuldades que tem que vencer quem se propõe a construir qualquer coisa de útil aos seus semelhantes, associa-se à homenagem prestada ao *leader* dos maranos e tece elogios à hospitalidade portuguesa.

Segue-se como orador o Dr. Alfredo Klee com a sua palavra fluente, em alemão, evoca a grande época da idade de ouro do judaísmo peninsular e incita os alemães aqui refugiados a colaborarem com a comu-

nidade portuguesa na grande obra de renascimento da cultura judaica na terra de sepharad.

Usa da palavra o Sr. Cap. Barros Basto, dizendo ter terminado a primeira parte da sua obra, sendo agora necessário consagrar tóda a actividade em se fazer a reeducação israelita das famílias de origem da nação sacerdotal da Humanidade, da nação guarda fiel do monoteísmo puro, e para êsse esforço pede a colaboração das damas, para que nos seus lares conservem a fé e ritos ancestrais e entusiasmem os seus maridos e filhos a bem observá-los, seguindo assim o nobre exemplo das mulheres maranas que souberam, durante quatro séculos, a-pesar-de horríveis perseguições, conservar conforme a cultura de que dispunham, as tradições judaicas.

Então o Dr. Hans Klee, na língua santa — o Hebraico, manifesta a sua satisfação pelos actos solenes a que assistiu e diz que ao afastar-se de Portugal ficará longe da vista de nós, maranos, mas que nós ficaremos perto do seu coração.

David Moreno pronuncia o discurso que já publicámos.

Levy Rafael, de Belmonte, presta homenagem de gratidão ao guia-magno dos maranos pelos seus esforços empregados na educação dos jovens e rudes maranos da Beira, fazendo voços de que Deus lhe dê longa vida e saúde para continuar a sagrada obra.

E assim terminou esta histórica sessão, à qual assistiram vários delegados maranos.

exércitos. Descreve as violências egípcias, assiro-babilónicas, helénicas e romanas para destruírem a fé israelita, o desaparecimento dessas fôrças e a eternidade da divina fé de Israel; termina por demonstrar que é uma honra o ser-se judeu.

Finda a cerimónia com os hinos: *A Portuguesa*, *Good save the King* e *Ha-Tikvah*, ao som do órgão tocado pelo jovem Nuno Azancot de Barros Basto.

Tóda a cerimónia decorreu numa atmosfera de respeito e recolhimento.

Centenas de pessoas enchiam o edifício. Estavam representadas tódas as crenças existentes em Portugal, havia católicos, anglicanos, evangélicos lusitanos, metodistas, baptistas, maranos, israelitas professos, etc. É a primeira vêz que, depois da Inquisição, em Portugal se nota numa solenidade religiosa uma tão bela afirmação de paz e harmonia, onde crentes de várias confissões cristãs assistem numa atitude de fé e respeito piedoso a um serviço litúrgico da religião-mãe das suas crenças.

A INAUGURAÇÃO DA NOSSA SINAGOGA NA IMPRENSA ESTRANJEIRA

The Jewish Forum — 305, Broadway, New York city (Revista mensal, n.º de Março de 1936). Publica o artigo do Sr. Paúl Goodman sob o título «The Portuguese Maranos». Opening of Kadoorie Synagogue.

Israelitisches Familienblatt — Berlin SW 68, Lindenstr. 69 (N.º 12 de 24 de Março-1938). Publica um artigo da autoria do Dr. Hans Klee, intitulado «Marranenscliksab in Portugal», acompanhado por uma fotografia do interior da Sinagoga.

Judisches Gemeindeblatt, de Berlim — Órgão da União das Sinagogas da Prússia e Alemanha do Norte (N.º 3, 1 de Março de 1938). Publica um artigo sob o título «Die Neue Synagogue in Oporto», acompanhado pela vista exterior da Sinagoga e a fotografia do Comité de Honra na cerimónia inaugural.

Judisches Gemeindeblatt — Órgão das Direcções da Comunidade Judaica de Berlim (N.º 11, 13 de Março de 1938). Publica um artigo «Geschichte der Marannen» (gemeindeabend in Friedenstempel) acompanhado das fotografias do Comité de Honra inaugural e da família Castro de Lagoaça.



COLONIZAÇÃO JUDAICA

Uma nova terra para um velho povo

A revista americana *The Jewish Forum* vem propondo um remédio para atenuar a crise provocada pelo anti-judaísmo em vários países; a proposta consiste em ser feita uma *démarche* junto do governo do México, por intermédio dos Estados-Unidos da América-do-Norte, para que a península da Baixa Califórnia seja concedida para o estabelecimento duma colónia judaica oriunda dos países que perseguem os judeus.

Esta península, estende-se desde 22º 40' de latitude até 32º 40' Norte. Tem 760 milhas de comprimento e a sua largura vai de 30 a 150 milhas. Tem uma área de 56.000 milhas quadradas. A sua população actual é cerca de 93.000 almas. E' bom clima, sensivelmente semelhante ao da Palestina. Tem vários portos de mar aproveitáveis. Há nesta península montanhas e vales verdejantes.

OFERENDAS Á NOSSA SINAGOGA

Registamos as seguintes oferendas feitas à nossa sinagoga por ocasião da sua dedicação solene:

— A «Spanish and Portuguese Congregation» de Londres, ofereceu um sepher Thorah, uma mappah (manto para sepher) bordado a ouro, dois rimonim e uma yad (mão indicadora) em prata; também ofereceu 25 livros em hebraico e inglês para as orações quotidianas.

— O Sr. Edwin Edwards, de Londres, ofereceu um fato e dois barretes para Hazan.

— O Dr. Alfredo Klee, Vice-presidente da Comunidade de Berlim, ofereceu em nome dela um sepher Thorah e uma bela mappah.

— O Sr. Hans Warmbrunn ofereceu um Kos (cálice) em prata, em estilo oriental, para Kidush.

— A Ex.^{ma} Sr.^a Madame Kolbach, a ornamentação de plantas.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Lea Azancot de Barros Basto, camélias para ornamentação do Ehal.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Branca Bendob, ofereceu uma toalha para mesa e outra para lava-mãos.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Nucia Janovski, um pano de veludo azul com franjas douradas, para a Thebah (Tribuna de oficiantes).

— A Ex.^{ma} Sr.^a M.^{elle} Pereira de Bragança, um pano bordado.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Sofia Gotliebe Carvalho, os cortinados em damasco para o Ehal (Arca Sagrada).

— O Sr. Asher J. Haïm, administrador honorário do Templo Berith Shalom (Aliança da Paz), de Paris, enviou 8 livros de orações quotidianas em hebreu (rito português).



Ao nosso Director, *leader* dos maranos, ofereceu o Dr. Alfredo Klee, num estójo, a placa metálica comemorativa do 5.º centenário de D. Isaac Abravanel, cunhada pela Comunidade Israelita de Berlim, já descrita no Ha-Lapid.

Também o mesmo senhor recebeu do Sr. Comendador Giuseppe Pardo Roques uma antiga meguilah em pergaminho, belamente iluminada, montada sobre um belo suporte de pau preto e marfim.

CARTAS DE MARANOS

De Belmonte (Beira-Baixa) foi recebida uma carta em que uma família marana se lamenta de não poder assistir a «um acto tão solene nessa tão soberba sinagoga como é um lugar onde se dizem as orações de Adonai, que são orações mais antigas do povo santo, que é Israel»... «pois diremos umas orações para êsse dia. Pedimos a Deus Adonai que dê fôrças e alentos a todos os dirigentes de tão valiosa sinagoga e mais uma vêz pedimos a Deus de Israel que nos livre de todos os cruéis, que têm estado contra os nossos israelitas»... fazemos votos para que façam as orações solenes com prazer, alegria e satisfação. São estes os nomes que agradecem: Abílio Diogo Henriques, sua espôsa Raquel Henriques Morão e seus filhos Felismina Henriques Morão, José Henriques Morão, Conceição Henriques Morão, Luiz Henriques Morão, Alda Henriques Morão e Ana Henriques Morão.

De Vilarinho (Mogadouro), recebemos também uma carta, da qual extraímos algumas frases mais marcantes.

«Vilarinho, 10 de Janeiro de 1938.

Ex.^{mo} Senhor Capitão:

Acuso o recebimento da sua prezada carta à qual respondo; agradeço muito o seu convite para ir ver inaugurar o santo edifício de que já fui aluno. Mas hoje encontro-me numa situação tão humilde, que não posso corresponder a tão honrosa festa (fala em seguida em vários maranos, que desejavam assistir, mas as suas dificuldades financeiras lhes tornam impossível êsse desejo).

Assim custa-me do fundo da alma não ir relembrar-me de tudo quanto aí passei, além de que, no meu honesto lar, ainda não esqueci os bons ensinamentos que o nosso bom Reitor nos dava, e ainda hoje tenho pena dos tempos que passei na Sinagoga; quer cumprindo com os meus deveres, quer ouvindo as leituras dos meus professores; julgo que não era dos mais desobedientes. Dou-lhe também parte que tenciono casar-me por todo o mês de Fevereiro e pela minha parte gostava de ir receber as bênçãos da Sinagoga.

Mas como a gente é pobre, não podemos ir tão longe, teremos de o fazer só civilmente. Eu, como rapaz novo, tive sempre a esperança de que arranjava qualquer lugarzito antes que fôsse pequeno, mas hoje vejo que já não pode ser nada, ter-me-ei de sujeitar a ser escravo para poder comer o escasso pão de cada dia, mas além de tudo perder ainda tenho fé no grande Deus de Israel que me há de ajudar em todos os meus sofrimentos.

E assim termino, enviando-lhes os mais sinceros cumprimentos para a Ex.^{ma} Família e o Senhor Capitão aceite um abraço do seu antigo Talmid que lhe deseja muitas felicidades e um próspero Ano-Novo.

A Paz seja convosco

ARTUR HENRIQUE LOPES.»



PUBLICAÇÕES ISRAELITAS

The Jewish Contribution to Civilisation, par Dr. Cecil Roth — Macmillan and Co., Limited — St. Martin's Street — London, 1938. Magnífico trabalho histórico de erudição de grande oportunidade na era actual, de tórvo anti-semitismo. Necessário livro em tôdas as bibliotecas judaicas públicas ou particulares.

Bulletin of the Hebrew University — Jerusalém. Utilíssimo para todos os que se interessam por conhecer o desenvolvimento dêste notável centro de actividade cultural hebraica.

Don Isaac Abravanel — sa vie et ses œuvres, par Dr. Henri Soil — Fondation Séfer — 17, Rue Saint-Georges, Paris (9.^e). Trabalho de erudição sôbre o notável conselheiro de D. Afonso V de Portugal e amigo do Duque de Bragança. O autor dêste elegante trabalho é professor na Escola Rabínica de França.

História dos Israelitas no Brasil, por Isaac Z. Raizman — Editorial Buch Presse — S. Paulo (Brasil). Interessante trabalho sôbre o esfôrço dos judeus na colonização e desenvolvimento do Brasil.

A QUESTÃO JUDEO-ÁRABE E A ACTIVIDADE SIONISTA

Por NORBERTO A. MORENO.

É verdadeiramente grande, verdadeiramente emotivo o que se está passando, o que há 50 anos se vem passando na Palestina. O sonho dos sionistas entrando a passos rápidos no campo das realidades constitui um testemunho vivo, eloqüente, do poderio da vontade humana impulsionada por uma fé e agindo segundo uma directriz bem determinada. A terra exuberante, ou melhor, a exuberância da terra acaba de ressuscitar. Centenas e centenas de homens, de elevado nível intelectual mesmo, têm descido ao seio dessa terra-mãe, respirando o seu hálito ardente, vivendo a sua vida simples e rude, mostrando-nos simultaneamente que a vida do campo jamais foi e jamais será desprezível como muita gente, eivada de estúpidos preconceitos sociais, crê. São igualmente nobres o camponês, o médico ou o estadista, desde que a sua actividade vise o bem social.

Por isso é exemplar ver braços de toda a casta volver e revolver a terra, dissecar pântanos, transportar águas, fazer plantações, levando assim a vida e a beleza paisagística onde apenas reinava a esterilidade e a monotonia. Verdadeiramente nobre essa íntima comunhão, essa revolucionária comunhão de homens e terras e terras e homens. E' isto e muito mais o que vem sucedendo em Eres Israel.

Dia a dia a Imprensa nos traz demonstrações estatísticas e fotográficas dos progressos da Palestina. Juntamente, porém, nos narra acidentes tão numerosos como trágicos ali ocorridos. E maior é a nossa admiração vendo que, não obstante as dificuldades financeiras, o acanhado espaço, a aridez desse mesmo espaço e ainda a feroz oposição árabe, os progressos são extraordinários. Graças a essa oposição muitas vidas se vão para sempre perdendo. Chegam a ser arriscadas as aventuras nocturnas por lugares solitários; umas vezes assaltantes propondo a escolha da bolsa ou vida, outras vezes

balas perfurando misteriosamente as trevas vão roubar as vidas dos transeuntes. Causas análogas sucedem, por vezes, até nas próprias habitações. O ressurgimento vai-se, pois, efectuando num meio hostil, mas não perde parte da sua poesia.

Que impressão devemos ter do árabe? A falar com absoluta franqueza, até certo ponto não deixa de nos parecer destituída de naturalidade a sua atitude. Ora analisemos o assunto. Vejamos primeiro o que observa, o que pensa o árabe:

— Há meio século eram cerca de 25.000 os judeus existentes na Palestina. Nós, então, éramos chamados a colaborar com eles, empregados ao seu serviço e considerados alguém. Surgem, começam a propagar-se e a enraizar-se nos espíritos dos judeus as ideas sionistas. De todos os países partem emigrantes conhecedores da civilização ocidental. Por toda a parte aparecem organizações sionistas para tratar esse problema migratório. E avalanches de judeus vão dando entrada na Palestina. A população cresce assustadoramente. Compram-se terras, constroem-se cidades, vilas e aldeias em que o modernismo impera, em que abundam reflexos duma civilização que destoa no meio. Constroem-se escolas, hospitais, instituições de beneficência, universidades, bibliotecas, etc., etc. O empregado árabe do judeu, desaparece, porque eles, judeus, auxiliam-se mutuamente. As escolas são frequentadas por judeus, nos hospitais recolhem-se judeus, as instituições de beneficência aproveitam aos judeus, as universidades e bibliotecas são para uso dos judeus. Para nós fica apenas a indiferença ou o desprezo.

— Podia o árabe resignar-se com a nova feição do meio, procurando imitar, procurando aperfeiçoar-se; mas não, limita-se a odiar.

Entretanto, o número de braços continua a aumentar dia a dia, sempre prontos para continuar a revolução da terra. Esta surge

transformada em encantador pomar — são as laranjas os frutos que melhor produz e dos quais a Palestina é já hoje um importante centro. O problema turístico vai tendo cada vez maior incremento. De toda a parte surgem visitantes. Os costumes tradicionais judaicos são adoptados. O sábado é guardado religiosamente, muito embora sejam numerosos os judeus liberais lá estabelecidos. A língua hebraica torna-se, por assim dizer, cada vez mais viva.

E tudo o árabe continua a observar, e por tudo continua a aumentar a sua inveja (é o termo), a sua intolerância, a sua inimizade. Dêstes sentimentos advêm, naturalmente, as consequências a que já nos referimos: roubo de muitas vidas.

Essa opposição do árabe, afinal, é de sempre. Já em 1565, quando José Nassi, judeu português, ali fundou as primeiras colónias, ela se manifestou claramente.

Como solucionar a questão judeo-árabe? Será difícil, não impossível. Estará solucionada quando êle, árabe, compreender e concordar que se trata da Pátria Judaica, da Terra Prometida, do Lar Nacional, e optar pela paz. Porque o problema sionista não recua. Só pode desenvolver-se. A inimizade árabe dificultará um tanto a acção judaica, mas concorrerá para a impor à admiração do mundo, porque, apraz-me sempre repetir, um resultado será tanto mais honroso, dar-nos-á tanto mais prazer quanto mais difícil fôr de conseguir. Era, salvo erro, Epicteto que dizia isto, por outras palavras: «Quanto maior fôr a batalha, maior será a vitória».

Os factos, melhor analisados, roubam, porém, a aparente razão ao árabe.

Diz êle: que os judeus se apoderaram das melhores terras, quando, afinal, as terras de que se apoderaram, digo, que compraram, estavam simplesmente em péssimo estado, dadas como improdutivas. Que os judeus não empregam árabes ao seu serviço, muito embora só no cultivo das laranjeiras fôssem, êste ano, empregues 5.000. Que os salários dêstes são inferiores aos dos judeus e, no entanto, são iguais e superiores aos recebidos quando trabalham para os próprios árabes. Que nada aproveita com os progressos civilizadores dos judeus, aproveitando, pelo contrário, muito. O país inteiro está-se tornando famoso, graças aos judeus. Nas aldeias árabes, próximo de outras judaicas, os habitantes possuem casas modernas, têm métodos

de cultura aperfeiçoados, águas, electricidade, etc., emquanto que nas distantes vivem ainda uma vida rudimentar, primitiva, habitando cabanas, empregando grosseiros métodos de cultura.

Graças à actividade sionista, ao dinheiro judeu, ao esforço judeu, a Palestina é hoje cortada por magníficas estradas, onde circulam carros de toda a espécie, possui esplêndidas cidades, em que tudo é moderno e belos portos que a põem em comunicação com todo o mundo. Começa a ser, de facto, o «lar nacional judaico», um Estado tão judeu como Portugal é português.

Há mais ainda: é que todos os terrenos colonizados são comprados e pagos, não invadidos como pretende o árabe.

A Declaração Balfour, em Novembro de 1917, concedeu êsse Lar, onde o povo judeu poderá ser, de facto, judeu, com absoluta liberdade de consciência e com todos os direitos.

Há, pois, possibilidades de um acôrdo judeo-árabe, com o qual ambos os povos possam lucrar: conformar-se ou concordar voluntariamente o árabe com a posse da Arábia, como concorda o judeu com a da Palestina. Acresce que o árabe tem ainda a Transjordânia, a Síria e o Irak, para onde se pode desenvolver, emquanto que o judeu apenas tem a pequena Palestina, comprada ainda à sua custa e aos pedaços, nos quais a população se vê forçada a concentrar. O árabe não é, portanto, expulso; recusa-se a ser bom vizinho.

*

Para melhor concretizarmos a actividade sionista, não resistimos à tentação de recorrer ao supremo e eloquente argumento dos números, fazendo, previamente, para melhor cumprimento do nosso objectivo, uma rápida descrição da Palestina. Começemos:

A Palestina tem a superfície de 66.330 km² (26.330 a Oeste do Jordão-Transjordânia e 40.000 a Este do mesmo rio), uma população de 1.600.000 habitantes (1.300.000 a Oeste do Jordão e 300.000 a Este), sendo a densidade de população de 49,4 a Este do Jordão.

A vegetação é sub-tropical. Cultiva-se no litoral — a parte melhor irrigada e em que as colónias são mais numerosas — a videira,

a laranjeira, etc. Sem cursos de água, exceptuando o Jordão e o Mar Morto. Além de uma cadeia orográfica que se estende do Norte ao Sul e cuja altura atinge 3.000 metros, existem alguns montes, sendo o mais elevado o de Hermon (2.760 metros). O clima é mediterrâneo; muito sol, estendendo-se a época das chuvas de Dezembro a Março.

Actualmente está sob o protectorado da Inglaterra, à qual foi confiada pela Liga das Nações. A língua oficial é a hebraica. A unidade monetária é a libra palestina (igual à esterlina) e a de superfície o dunam métrico (igual a 1.000^{m²}).

Das colónias actuais, as primeiras foram fundadas em 1882, graças ao auxílio do Barão Rotschild. Em 1901 fundou-se o Keren Kayemeth Leisrael e em 1920, após a Declaração Balfour, o Keren Haiesod. E', sobretudo a estes dois organismos, que se devem os progressos efectuados em Eres Israel, progressos a que, como prometemos em cima, passamos a referir-nos particularmente.

A população entre 1917 e 1937 subiu de 50.000 para 430.000 judeus (não judeus havia, em 1917, 410.000 e há hoje apenas 920.000). De 1931 a 1936, 71 % dos emigrantes judeus têm-se dirigido para a Palestina, que é hoje o país em que a percentagem deles é maior — 31 %.

A quantidade de terras em poder dos judeus duplicou de 1917 a 37. Emek Izrael, Emek Jefer e Emek Zebulun são modernos centros agrícolas, muito embora o Governo tivesse considerado «inaptas para o cultivo» as respectivas terras.

A população rural, que em 1917 se resumia em 10.000 pessoas distribuídas por 40 colónias, montava já, em 1936, a 97.300 por 186 colónias.

Em 1917, 1.600 estabelecimentos industriais ocupavam 4.000 pessoas. Em 1936, 4.615 ocupavam 32.830. A produção anual aumentou para 9 vezes mais. Enquanto algumas nações orientais importam máquinas de guerra, importa a Palestina máquinas agrícolas. E' a nação que maior número destas importa no Oriente.

De 1923 a 35 quintuplicou a exportação e triplicou a importação.

Haiffa e Tel Aviv são os melhores portos. O primeiro, construído em 1933, rivaliza hoje com o de Alexandria.

Referente à actividade cultural durante os últimos 20 anos, preferimos transcrever do Almanaque para 5698 um eco do Keren Kayemeth Leisrael:

«O idioma hebreu renasceu como idioma nacional: uma rede de escolas (51.314 alunos) desde o jardim da infância até à Universidade, uma imprensa hebraica diária (tiragem de 50.000 exemplares), uma activa produção de livros, Radiofusora Hebraica; a biblioteca da Universidade é hoje em dia a maior de todo o Oriente. Arte: o Museu de Tel Aviv, Bezabel; o teatro Hebreu goza de fama universal; a Orquestra Sinfónica, organizada por Huberman, é muito elogiada.

Reconstruindo o lar, criamos cultura hebraica e participamos no tesouro da cultura universal.»

A tornar mais simpática a actividade sionista, está ainda o escrupuloso cuidado que tem havido na nomenclatura das terras.



HISTORIETAS JUDAICAS

O jornal francês *Marianne* traz a seguinte historieta:

« — Quando Halbin foi nomeado Rabi-mor de Bucarest, capital da Romania, foi uma grande alegria para os judeus religiosos, mas uma grande contrariedade para os livre-pensadores. O chefe destes últimos não achou nada de mais interessante do que enviar ao Rabi-mor um bilhete postal com a figura dum porco.

Halbin respondeu-lhe imediatamente, pelo correio, enviando-lhe o seu próprio retrato.

Um dia encontraram-se os dois, e o livre-pensador, um pouco atrapalhado, disse ao rabino:

— Eu fui incorrecto para consigo, mas... que significa o envio da sua fotografia?

Respondeu o Rabi: — Eu julgava que quando fui nomeado Rabi desta terra, V. me tinha enviado o seu retrato e correspondendo à sua amabilidade mandei-lhe o meu.

Ê S T E N Ú M E R O F O I V I S A D O
P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A